

“ESCRITORES DA LIBERDADE” NUMA ABORDAGEM MULTIFACETADA DE PENSAMENTOS E CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

Data de submissão: 07/10/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Eleonora Félix da Silva

Elisângela de Souza Apolônio

Joab Jorge Leite de Matos Júnior

Joseane Alves da Silva

Maria Catarina Ananias de Araújo

Artigo coletivo produzido pelos discentes do curso de Doutorado em Educação UNADES/ESL.

RESUMO: Nosso artigo apresenta algumas reflexões sobre o longa-metragem “Escritores da Liberdade”, que narra a experiência de uma professora iniciante que enfrenta desafios em uma escola marcada por divisões raciais e sociais. Através de métodos inovadores de ensino, ela inspira seus alunos a expressarem suas histórias e emoções através da escrita, promovendo um ambiente de aprendizado e transformação pessoal. A nossa proposta é analisar a película embasados no pensamento de importantes teóricos que trazem debates relevantes para as pesquisas em educação e sua importância na sociedade em que

vivemos. Destacaremos as contribuições teóricas de Pierre Bourdieu, Cristian Baudelot, Norbert Elias, Michel Foucault e Karl Marx, considerando-os fundamentais para a análise de nosso objeto de estudo e para problematizarmos as práticas educativas que promovem transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Teoria. Prática pedagógica.

1 | INTRODUÇÃO

O filme “Escritores da Liberdade” apresenta um panorama das complexidades enfrentadas por educadores e estudantes em contextos de alta vulnerabilidade social. A história explora temas como racismo, violência e desigualdade social, além do poder transformador da educação. “Escritores da Liberdade” (2007) é um filme baseado em fatos reais que narra a história de uma professora, Erin Gruwell, e seus alunos do ensino médio em uma escola de Long Beach, Califórnia. A trama aborda questões sociais e educativas como: racismo, violência e desigualdade e mostra como a educação e a expressão

pessoal podem transformar vidas. O referido filme é uma obra inspiradora que retrata a história verídica da professora Erin Gruwell e seus alunos em uma escola estadunidense, abordando temáticas que estão na ordem do dia, sobretudo a desigualdade social e discriminação racial, além da busca por uma voz própria em um ambiente hostil. Através da escrita e da literatura, Gruwell auxilia seus alunos a se expressarem e a compreenderem suas experiências.

Quanto à realidade brasileira essa problemática é bem contemporânea, por isso é interessante para nossas pesquisas em educação. Nossa proposta de análise do filme justifica-se dada a importância de debatermos as vicissitudes vivenciadas pelos docentes que trabalham com alunos sofridos e emocionalmente instáveis em função dos mais variados problemas que afligem seus relacionamentos familiares, bem como seu desempenho escolar. Para os estudos educacionais e as pesquisas sobre o indivíduo e a sociedade o filme torna-se interessante, pois pode ser tomado como ilustrativo de problemas reais que enfrentamos na realidade das escolas públicas brasileiras. O nosso objetivo é problematizarmos os desafios e possibilidades vivenciadas por docentes e discentes representados no filme em questão. Nossa metodologia baseia-se numa interpretação do filme combinando com uma hermenêutica das teorias de autores como Pierre Bourdieu, Cristian Baudelot, Norbert Elias, Michel Foucault e Karl Marx, cujas pesquisas nos trazem concepções pedagógicas que auxiliam nossos estudos e nossos objetos de pesquisa, além de nos permitir uma reflexão sobre nossa própria prática pedagógica.

2 | ESCRITORES DA LIBERDADE: UMA ANÁLISE DO FILME À LUZ DAS TEORIAS DE PIERRE BOURDIEU

Para aprofundar a análise das interações sociais e culturais presentes no filme, utilizaremos as teorias de Pierre Bourdieu, sociólogo francês conhecido por seus estudos sobre poder simbólico e reprodução social. A análise será orientada por três conceitos-chave: capital cultural, *habitus* e campo, que permitem uma compreensão mais ampla das estruturas e agentes envolvidos no processo educacional retratado. Analisar esse filme à luz das teorias de Pierre Bourdieu pode oferecer uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais presentes na história. Segundo Bourdieu, o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, isto é, na forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais, quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, etc. e no estado institucionalizado, uma forma de objetivação que deve ser concebida como uma série de testemunhos mais ou menos objetivados (BOURDIEU, 2007). No contexto de "Escritores da Liberdade", os alunos de Gruwell possuem um capital cultural limitado, frequentemente associado às suas experiências de vida em comunidades marginalizadas. Erin Gruwell, por outro lado, possui um capital cultural elevado, que ela utiliza para expor seus alunos a novos conhecimentos e perspectivas, como a literatura clássica e a escrita reflexiva. Através de seu ensino, ela

busca ampliar o capital cultural dos alunos, proporcionando-lhes ferramentas para reavaliar suas próprias vidas e oportunidades.

Uma das principais teorias de Bourdieu é a do "capital cultural", que se refere aos conhecimentos, habilidades, educação e qualquer outra característica cultural que uma pessoa possa ter, e que pode servir para obter uma posição social elevada. No filme, os alunos de Gruwell vêm de ambientes marginalizados e têm acesso limitado a certos tipos de capital cultural valorizados pela sociedade dominante, como literatura clássica, linguagem formal e normas sociais aceitáveis. Gruwell, por outro lado, possui um capital cultural elevado, tanto pela sua formação acadêmica quanto pela sua posição social.

A professora utiliza seu capital cultural para introduzir os alunos a novos conhecimentos e habilidades, como a escrita e a leitura de literatura importante. Ela os expõe a obras como o "Diário de Anne Frank" e "Zlata's Diary", que ajudam os estudantes a refletir sobre suas próprias vidas e experiências. Dessa forma, Gruwell age como um mediador cultural, ajudando seus alunos a adquirir capital cultural que pode potencialmente mudar suas trajetórias de vida.

O conceito de *habitus* é descrito por Bourdieu como um conjunto de disposições duráveis e transponíveis que integra todas as experiências passadas e funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas (BOURDIEU, 2001). No filme, o *habitus* dos alunos é moldado por suas experiências em ambientes de violência, pobreza e discriminação, resultando em uma visão de mundo limitada e muitas vezes pessimista. A abordagem pedagógica de Gruwell visa transformar esse *habitus*, incentivando a auto-expressão e a reflexão crítica. Através da escrita de diários, os estudantes são encorajados a explorar suas identidades e a questionar suas circunstâncias, promovendo uma reconfiguração de seu *habitus*.

Outra perspectiva importante de Bourdieu é a de que o "habitus" se refere ao conjunto de disposições adquiridas que guiam a forma como os indivíduos percebem e reagem ao mundo ao seu redor. O *habitus* é moldado por experiências de vida e pode ser difícil de mudar. No filme, o *habitus* dos alunos é inicialmente marcado por uma visão de mundo de desconfiança, ceticismo e uma sensação de desesperança, resultado de suas experiências com pobreza, violência e discriminação.

A metodologia de ensino de Gruwell visa alterar o *habitus* dos alunos, promovendo uma nova maneira de ver o mundo e a si mesmos. Ao incentivá-los a escrever diários pessoais, ela cria um espaço para auto-reflexão e auto-expressão, permitindo que os alunos reavaliem suas percepções e atitudes. O processo de escrita e leitura também ajuda a desenvolver uma nova identidade, mais alinhada com a ideia de que eles têm o poder de moldar seu próprio futuro.

Bourdieu define que os campos sociais são universos de práticas relativamente autônomos, dotados de leis e de uma lógica própria, onde os agentes sociais competem

para maximizar suas posições sociais (BOURDIEU, 2001). Cada campo possui sua própria doxa, um conjunto de crenças e valores considerados naturais e inquestionáveis. No filme, a escola é o campo em questão, com normas e expectativas que frequentemente refletem a cultura dominante. Gruwell, com suas metodologias inclusivas e desafiadoras, questiona a doxa estabelecida, gerando tensões com a administração escolar. Sua abordagem de quebra do tradicional não apenas transforma a dinâmica em sua sala de aula, mas também desafia as normas institucionalizadas que frequentemente marginalizam os estudantes de minorias. Assim, o filme ilustra as lutas simbólicas dentro do campo educacional, onde diferentes formas de capital cultural e social são valorizadas ou desprezadas.

3 | ANÁLISE ENTRE O FILME "ESCRITORES DA LIBERDADE" E "ESCOLA, A LUTA DE CLASSES RECUPERADA" DE CHRISTIAN BAUDELLOT.

Na obra cinematográfica vemos uma educadora que, ao assumir uma turma de estudantes desmotivados e provenientes de comunidades marginalizadas, utiliza a literatura como ferramenta para promover a inclusão, a empatia e a transformação social. Por outro lado, o artigo “Escola, a luta de classes” do sociólogo Christian Baudelot (2004) analisa a função da escola na sociedade contemporânea, enfatizando como as instituições educacionais podem perpetuar desigualdades sociais e a luta de classes. Baudelot argumenta que a escola, muitas vezes, atua como um mecanismo de reprodução social, onde as diferenças econômicas e culturais se refletem no desempenho acadêmico dos alunos.

O texto ainda aborda a inter-relação entre educação, cultura e classe social, utilizando os conceitos de capital cultural, arbitrário e violência simbólica. Boudelot argumenta que a educação, embora apresentada como um direito universal, perpetua desigualdades sociais, especialmente em relação ao acesso e à valorização do conhecimento. A análise crítica da estrutura educacional revela a permanência de uma lógica de exclusão, mesmo diante de aparências de democratização.

Portanto o tema central é a análise do conceito de capital cultural, que se entrelaça com dois outros conceitos fundamentais: arbitrário cultural e violência simbólica. Esses conceitos são cruciais para entender as dinâmicas sociais e educativas contemporâneas. Ambos exploram temas relacionados à educação, desigualdade social e a luta por um espaço de voz e identidade. No entanto, suas abordagens e contextos diferenciados proporcionam uma rica comparação sobre como a educação pode ser um instrumento de transformação social.

Baudelot aborda a escola como um espaço que, historicamente, refletiu e perpetuou as divisões de classe na sociedade e analisa criticamente como as estruturas educacionais podem reter os estudantes de classes menos favorecidas, limitando suas oportunidades e perpetuando ciclos de pobreza que é o que também se pode observar durante todo

desenvolver do longa-metragem. Portanto a escrita e a ficção reconhecem que a educação é um fator crítico na vida dos indivíduos, mas abordam sua função de maneiras diferentes. "Escritores da Liberdade" apresenta a educação como uma ferramenta de libertação e empoderamento. A história de Erin Gruwell demonstra como a inclusão de narrativas pessoais e a valorização da identidade cultural dos alunos podem transformar suas vidas e perspectivas. Em contraste, Baudelot adopta uma visão mais crítica, considerando a escola como uma arena de luta de classes. Seu texto sugere que, embora a educação tenha potencial para oferecer igualdade, as estruturas existentes muitas vezes reforçam as desigualdades sociais.

Baudelot destaca que as condições materiais e sociais das famílias têm um impacto significativo no desempenho escolar das crianças. Fatores como a renda familiar, o nível de escolaridade dos pais e o acesso a recursos educacionais influenciam diretamente a trajetória educacional dos estudantes. Assim, as desigualdades sociais se manifestam de maneira concreta no ambiente escolar, onde os estudantes de classes menos favorecidas enfrentam barreiras adicionais que dificultam seu aprendizado e desenvolvimento.

Dessa forma, Baudelot propõe uma reflexão crítica sobre o papel da educação na sociedade contemporânea, desafiando a ideia de que a escola pode ser um espaço de mobilidade social sem enfrentar as raízes das desigualdades que a permeiam. Em suma, seu trabalho nos leva a perceber a necessidade de um olhar mais atento e interventivo para as questões de desigualdade, tanto no âmbito escolar quanto no social, para que se possa construir um futuro mais justo e igualitário.

A obra é um marco na sociologia da educação, pois desafia a visão romântica da escola como um espaço neutro e meritocrático. Dado os "conceitos" de Baudelot, "Escritores da Liberdade" mostram uma realidade paralela e não muito diferente, pois os desafios encontrados para lecionar em uma escola marcada por divisões raciais e sociais, através da literatura, era um acontecimento que nenhum dos que ali já lecionavam imaginariam que seria possível.

Ambas as obras destacam a importância da educação, mas de maneiras distintas. Enquanto "Escritores da Liberdade" oferece uma visão otimista, mostrando como a educação pode ser um agente de mudança e empoderamento, o artigo de Baudelot traz uma visão crítica, alertando para os limites da escola como um espaço neutro, onde as desigualdades sociais são frequentemente reproduzidas. Mas as obras trazem em seu contexto pontos em comum mostrando a realidade social dos alunos. Tanto o filme quanto o artigo enfatizam a importância de reconhecer as diferentes realidades que os alunos trazem para a escola.

No entanto as diferenças entre as obras não passam despercebidas. Diferenças essas, que trazem uma abordagem prática versus a teórica. O filme apresenta uma abordagem prática e inspiradora, mostrando ações concretas que levaram à mudança na vida dos alunos. Em contraste, o artigo de Baudelot oferece uma análise teórica e

crítica sobre a função da escola, focando em dados e argumentos sociológicos. Foco na transformação pessoal versus estrutura social.

O filme “Escritores da Liberdade” não apenas conta uma história inspiradora de superação, mas também oferece um olhar crítico sobre as questões sociais que permeiam a educação. Ao compará-lo com as teorias de Cristian Baudelot, podemos entender melhor como a educação pode tanto reproduzir quanto desafiar as desigualdades sociais, destacando a importância de abordagens pedagógicas que promovam a inclusão e a voz dos estudantes. Através dessa análise, fica evidente que a literatura e a educação têm o poder de transformar vidas e desafiar sistemas opressivos.

Ambos nos convidam a refletir sobre a função da educação na sociedade contemporânea. Enquanto “Escritores da Liberdade” nos inspira a acreditar na mudança através da empatia e da expressão, o texto de Baudelot nos alerta sobre os desafios estruturais que ainda precisam ser enfrentados para que a educação cumpra seu verdadeiro papel de equidade e justiça social. Juntos, eles oferecem uma visão abrangente e crítica sobre o papel da escola e da educação na luta por igualdade.

Em suma, tanto “Escritores da Liberdade” quanto o artigo de Christian Baudelot ofereceram perspectivas valiosas sobre a educação e suas implicações sociais. Enquanto o filme apresenta uma narrativa de esperança e transformação individual, o artigo provoca uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais que moldam a educação. Juntos, contribuem para uma compreensão mais profunda do papel da escola na sociedade e das lutas enfrentadas pelos alunos em contextos de desigualdade.

4 | “ESCRITORES DA LIBERDADE”: DA FICÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE AS TEORIAS DE NORBERT ELIAS

Nosso desafio aqui é analisar o filme também com base em leituras sobre o sociólogo Norbert Elias, alemão que estudou a sociedade da corte francesa de séculos passados. O cenário do filme é totalmente diferente, entretanto é possível fazer associações com as concepções teóricas elisianas, posto que o processo de formação de uma dada sociedade foi a problemática de Norbert Elias ao analisar normas de comportamento, conduta e ética dos indivíduos e sua interdependência na construção de uma civilização. As pesquisas de Norbert Elias tem hoje forte influência teórica e temática na sociologia e nos estudos educacionais. Decorre daí a relevância de uma obra como “Norbert Elias e a Educação” (2007) de autoria de Andrea Borges Leão, socióloga esta que usa o aparato conceitual de Elias neste livro e também nas suas pesquisas no campo dos estudos educacionais acerca de leitura e livros destinados às crianças e jovens no Brasil.

No livro “Norbert Elias e a Educação” a socióloga aborda as contribuições elisianas para os estudos educacionais, pois Norbert Elias pesquisou e analisou os costumes de uma sociedade, buscando “compreender as transformações dos comportamentos e das

necessidades do controle e da proibição para o equilíbrio das forças que impulsionaram os sistemas de relações sociais” (Leão, 2007, p. 8-9). Seus estudos concluíram que o processo civilizador social produziu as diferenciações entre os indivíduos.

A categoria analítica “*habitus* social” de Norbert Elias ajuda a compreender os grupos sociais destacados no curta-metragem considerando este conceito como “o elenco de disposições para o pensamento e a ação que, herdados ou adquiridos ao longo da formação de um indivíduo, acabam por tomar forma e expressão no trabalho adulto” (Leão, 2007, p. 11) No filme os personagens são marcados por vivências de violência de uma sociedade agressiva, injusta e cruel que tirou as expectativas dos jovens, quanto ao cotidiano escolar e o desempenho acadêmico. Os professores e os estudantes da escola cenário do filme são de “*habitus* social” diferentes, tem padrões de comportamentos e desejos diferentes. São evidentes as diferenças etnicorraciais desde as cenas de abertura do vídeo, conflitos por causa da cor da pele, da origem latina e asiática, em que são todos vítimas da violência contrastando com a branquitude da polícia, da professora, da coordenadora escolar e dos outros alunos da escola que apresentam um desempenho acadêmico melhor quanto às notas e comportamentos disciplinados pelas normas da “branquelândia”.

Norbert Elias também viveu em um “*habitus* social” privilegiado, diferente dos alunos “escritores da liberdade”. Ele pertenceu a uma família de abastardos, frequentadores de concertos e teatros, praticantes do judaísmo, leu muitos livros, frequentou escolas, estudou medicina, filosofia e sociologia, na juventude conheceu os horrores da guerra como soldado alemão, sofreu a perseguição nazista já adulto, tendo que buscar exílio de sua terra natal. Ao estudar o processo de civilização na corte francesa destacou que “as classes inferiores do antigo regime, os camponeses miseráveis não participaram do universo da civilidade”. Os jovens de “Escritores da Liberdade” igualmente não eram considerados civilizados e precisavam de um disciplinamento da conduta. A civilidade francesa analisada por Elias requeria a assimilação de regras de conduta e bons comportamentos dos indivíduos. Este não era o caso dos estudantes da professora Erin Gruwell, uma vez que os tais alunos queriam transgredir regras impostas na escola como forma de externar suas inquietudes. Assim, desrespeito as origens étnicas eram comuns em sala de aula. Deboches por causa da aparência física também se verificavam. A disciplina que era imposta na escola representava a classe dominante branca, cuja cultura era apresentada como universal, por isso os discentes se incomodavam, pois não representavam a história de vida deles.

Norbert Elias pesquisou nos manuais de conduta e etiqueta usada na corte francesa para disciplinar a postura da nobreza diante da autoridade absoluta da realeza do soberano. Pensando no enredo do filme percebemos que a leitura foi usada para educar os alunos e possibilitar um envolvimento deles nas atividades escolares e, com isso, provocou a construção de sentidos positivos na vida dos estudantes.

Longe da teoria elisiana, a professora apostou num projeto de leitura na formação educacional de seus educandos. Ela escolheu um livro sobre perseguição a um grupo

cultural e étnico e os usos da violência e sofrimentos causados às vítimas de forma tão injusta. Com uma metodologia variada, inclusive usando gamificação, a professora foi envolvendo os alunos e incitando a curiosidade deles em torno da leitura de “O diário de Anne Frank”. Associando a leitura do livro com a realidade cruel das famílias dos alunos, o gosto pela leitura foi se desenvolvendo. Ademais, a leitura proporcionou a prática da escrita de forma muito peculiar, em que cada aluno executou uma escrita de si, trazendo à tona para a professora os dissabores que a violência provocou na história de vida de cada discente.

Ainda quanto à relevância da leitura, as pesquisas de Norbert Elias, demonstraram que a leitura de manuais de comportamento foi significativa para a formação de corte civilizada francesa. No Brasil, a socióloga Andrea Borges Leão igualmente pesquisou sobre leitura e analisou os livros infantis como recursos que permitem conhecer a sociedade, promovem a socialização das crianças e possibilitam a assimilação de comportamentos.

“Escritores da Liberdade” é uma longa-metragem que pode ser pensado sobre o mesmo viés quanto à importância da leitura e a formação do “*habitus* leitor”, categoria analítica usada por Norbert Elias. Ademais, na prática pedagógica e nos estudos educacionais é indispensável elencar a leitura de bons livros para uma aprendizagem significativa. Em consonância com o pensamento de Leão (2007), a leitura pode ser criativa, subversiva, além de alterar comportamentos, promover adesões e realizar admoestações. (p.15)

Livros podem tocar o íntimo dos leitores, tocar as emoções como assistimos no filme, no qual os adolescentes passam a escrever sobre o cotidiano de suas vidas num diário. Manuais de civildade não serviriam aos “escritores da liberdade”, bem como os livros didáticos daquela escola de Long Beach não eram adequados para tocar “as disposições da alma” daqueles jovens porque eram distante da realidade deles. Uma realidade sem afetividades e com relações sociais marcadas pela dor, em que bons modos, regras e costumes de etiqueta não diziam nada, uma vez que as gangues criavam as regras onde eles viviam e o Estado nada resolvia.

Norbert Elias estudou obras que serviam para a elite construir noção de civildade com regras de conduta. Na sociedade de hoje isso pouco serve e para os “escritores da liberdade” muito menos. Diferente dos manuais de civildade, os livros são extremamente importantes e em sala de aula são indispensáveis por diversos motivos, sendo um deles a função de “utensílios culturais que melhor fazem o elo entre as estruturas mentais e as figuras sociais” (Leão, 2007, p. 62). Além do que, quem ler um livro dar-lhe novos sentidos. O consumo cultural e a apropriação que se faz de um livro produz bens simbólicos conforme sua recepção, promovendo práticas positivas no processo de ensino-aprendizagem.

Na realidade escolar na qual estamos inseridos como professores da educação básica - apesar de tantas dificuldades - a leitura de livros didáticos ou paradidáticos contribui decisivamente para o desenvolvimento estudantil e o entendimento da diversidade cultural.

Isso não é nada fácil de fazer com turmas de escola pública e hoje, em tempos de cultura digital, isso tem se tornado um desafio cada vez maior.

A escola é o locus privilegiado para a disseminação da cultura impressa e acreditar na leitura, na formação e transformação do “*habitus* leitor” está para além do idealismo da personagem central do filme. O que não podemos fazer é tomar a dita personagem como paradigma de nossa prática pedagógica, no sentido de que ela quem compra livros com trabalho extra que realiza, posto ser do poder público o dever de dotar as instituições escolares de recursos pedagógicos necessários para um trabalho docente eficiente.

Erin Gruwell fez a diferença na ficção, todavia é demasiado esperar uma super professora para ajudar a fazer educação e transformar a vida dos educandos. Na nossa realidade brasileira os impasses da docência no sistema público educacional são muitos e nunca serão resolvidos se jogarmos os limites desse sistema na responsabilidade dos docentes. Professor não tem como bancar instrumentos necessários para trabalho com alunos, cabe ao Estado providenciá-los.

5 | ESTUDANDO MICHEL FOUCAULT E REFLETINDO ACERCA DE “ESCRITORES DA LIBERDADE”

O texto "Foucault e a Educação: em defesa do pensamento" (2004), escrito por José Ternes, aborda a influência do filósofo Michel Foucault na filosofia da educação. Foucault dedicou-se aos estudos da história do pensamento ocidental e da verdade, propondo uma perspectiva inovadora sobre o saber. Ao analisar as condições de possibilidade dos saberes modernos, ele questiona conceitos tradicionais e propõe uma transformação radical na visão da educação.

Neste contexto, é interessante explorar como sua concepção influencia a forma como se entende o papel da educação na sociedade contemporânea. O autor do texto, José Ternes, discute o argumento central de Foucault de que o principal objeto da escola deve ser o livro - ou seja, o pensamento vivo - enquanto todos os outros elementos (como professores, alunos e sociedade) existem para ele.

De acordo com Foucault, o livro desempenha um papel central na concepção de educação. Ele argumenta que o principal objeto da escola deve ser o livro, ou seja, o pensamento vivo. Isso significa que o foco da educação deve estar no acesso e na interação com ideias e conhecimentos presentes nos livros.

Segundo Foucault, a figura do professor, do aluno, da sociedade e da administração existem para servir ao livro como fonte de conhecimento. O livro é visto como uma manifestação do saber humano e sua leitura permite a criação de novas ideias.

Essa concepção valoriza a criatividade humana e a livre expressão das ideias. Ao colocar o livro como figura central na educação, Foucault sugere uma mudança radical na forma como entender a transmissão de conhecimento dentro das instituições educacionais

tradicionais.

Ao relacionar essa abordagem com questões atuais sobre educação e conhecimento, pode-se refletir sobre as implicações dessa perspectiva foucaultiana para a formação dos indivíduos e seu papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A partir dessa análise crítica, é possível estabelecer conexões entre as ideias de Foucault e experiências práticas no campo educacional.

O filme "Escritores da Liberdade" é uma obra baseada em fatos reais que retrata a história de uma professora, Erin Gruwell, e seus alunos em uma escola de um bairro problemático nos Estados Unidos. O filme aborda temas como racismo, preconceito e desigualdade social, apresentando o poder transformador da educação.

Ao longo do enredo, vê-se como Erin utiliza métodos pedagógicos inovadores para engajar seus alunos e incentivar a reflexão sobre suas próprias experiências de vida. Ela os inspira a expressar suas vozes por meio da escrita e a compartilhar histórias pessoais que revelam as dificuldades enfrentadas nas ruas violentas de sua comunidade.

Com o passar do tempo, esses jovens aprendem a superar suas diferenças e estereótipos pré-concebidos para se tornarem verdadeiros escritores da liberdade. Eles descobrem o poder das palavras para criar mudanças positivas em suas vidas e na sociedade ao redor.

"Escritores da Liberdade" é um filme emocionante que faz lembrar do impacto transformador que os educadores podem ter na vida dos estudantes, mostrando como a dedicação à educação pode romper barreiras sociais e promover igualdade de oportunidades.

O filme "Escritores da Liberdade" também aborda a importância do acesso ao conhecimento e à educação como forma de transformação pessoal e social. Assim como na concepção de Foucault sobre a educação, o filme mostra que o livro, ou seja, a literatura, desempenha um papel fundamental na vida dos personagens e na sua jornada de aprendizado.

No filme, uma professora utiliza livros como ferramentas para engajar seus alunos em um processo de autoconhecimento e crescimento intelectual. Através da leitura de obras literárias que abordam questões relevantes para suas vidas, os alunos são incentivados a refletir sobre suas próprias experiências e a desenvolverem habilidades críticas.

A relação entre o texto sobre Foucault e o filme "Escritores da Liberdade" está no valor atribuído à leitura como uma forma de empoderamento individual e coletivo. Ambos destacam a importância do acesso ao conhecimento como meio para desafiar estruturas opressivas e promover mudanças sociais significativas.

61 “ESCRITORES DA LIBERDADE” NO CONTEXTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO MARXISTA

Karl Marx foi um pensador que produziu uma vasta gama de conhecimentos, suas obras influenciam até hoje diversas áreas do pensamento humano. Nessa breve análise, nos ocuparemos da perspectiva marxista da educação. Para Marx e Engels (1980) as sociedades divididas em classes sociais antagônicas se constituem em duas bases distintas e interligadas: A infraestrutura que trata das ferramentas de produção do capital tais como: terras, fábricas, máquinas, dentre outros, e pela superestrutura que corresponde às ferramentas ideológicas desse tipo de sociedade como a política, filosofia, religião e principalmente a educação. Assim sendo, se a infraestrutura da sociedade é capitalista, a superestrutura é responsável pela construção e reprodução das ideias que legitimam os interesses de classe, influenciando o modo de vida dos homens.

A produção de ideais, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o intercâmbio intelectual dos homens surge aqui como emanação direta de seu comportamento material. (Marx, Engels, 1980, p.25).

Dessa forma, a educação no contexto da sociedade capitalista torna-se uma ferramenta preponderante para formação do homem e para a reprodução dos valores do capital que tem como premissa a geração de riquezas. Conforme afirma Frigotto (2010).

Essa concepção de educação como “fator econômico” vai constituir-se numa espécie de fetiche, um poder em si que, uma vez adquirido, independentemente das relações de força e de classe, é capaz de operar o “milagre” da equalização social, econômica e política entre indivíduos, grupos, classes e nações (Frigotto, 2010, p.20).

O modelo de educação implementado pelo capital não tem como ponto de partida um ensino emancipador, conectado com a realidade de classe dos indivíduos, ao contrário repassa através dos conteúdos a ideia de uma sociedade sem discrepâncias e problemas de ordem social, as desigualdades historicamente constituídas na perspectiva do capital podem ser superadas pelo esforço individual pela operação de um “milagre” como bem pontua Frigotto na passagem acima citada, um ensino para promover a ascensão social de indivíduos que a buscam, ignorando os problemas de classe, gerados a partir da própria lógica capitalista.

Marx e Engels, embora não tenham escrito uma obra específica sobre a temática educacional, realizam em suas obras, uma importante e esclarecedora apreciação sobre essa questão e como ela opera na constituição do ser social. Na concepção marxista, a educação, por ser uma ferramenta ideológica, exerce um duplo papel. Para Rodrigues (2004) o primeiro é de fornecer os mecanismos para manutenção da ordem vigente e o segundo é contribuir para a superação dessa mesma ordem. A diferença será dada pelos

conteúdos pautados no chão da escola, como afirma Bourdieu (2007, p.74):

Para além do contato direto com bens culturais e do treinamento familiar, os jovens das classes privilegiadas herdaram saberes, gostos e disposições culturais que se encaixam nas demandas do ensino institucionalizado.

Se os conteúdos escolares privilegiam a classe dominante, aqueles que não pertencem a ela ficam impedidos de desenvolver sua consciência crítica e mais ampla sobre a realidade material, resultado disso é a formação de indivíduos alienados, com uma visão deturpada em relação à sua própria existência.

Esse bloqueio ideológico resulta no distanciamento entre escola e a vida real, os alunos oriundos da classe trabalhadora se matriculam numa instituição de ensino cujo os conteúdos abordados não dialogam com sua vivência, sem identificação com a escola, estes estudantes apenas buscam cumprir uma formação que lhe é exigida para sua inserção no mercado de trabalho, frequentar a escola torna-se apenas uma enfadonha obrigação.

Mesmo não concordando com essa escola, são compelidos a frequentá-la, pois dependem dela para receber um certificado que os habilite a entrar no mercado de trabalho. As alternativas para os não proprietários na sociedade burguesa são restritas. Assim, pode-se entender a universalização do ensino como uma forma de garantir a difusão e a incorporação do ideário burguês por toda sociedade. (Pereira, 2013, p.108).

No filme “Escritores da Liberdade” as tensões vividas por uma professora e sua turma no cotidiano de uma escola precarizada e com alunos vivendo num contexto social de desigualdade, racismo e violência. Ao se deparar com seus novos alunos, a professora Erin Gruwell não consegue administrar sua sala de aula em virtude do mau comportamento e desinteresse pelo estudo por parte dos seus estudantes. De início ela parte para confronto com eles e logicamente não obtém resultado o que eleva suas frustrações enquanto docente, algo muito presente na realidade dos profissionais docente da atualidade, mesmo sem contar com o apoio de seus colegas de trabalho e da gestão escolar, ela acredita na possibilidade de transformar a realidade daqueles jovens através da leitura.

Ao implementar esse projeto baseado no “Diário de Anne Frank” ela deu voz aos seus alunos e eles puderam relatar o que vivenciavam nas suas vidas para além da escola. Estes relataram em seus próprios diários o quão difícil era viver naquele ambiente onde estavam inseridos, sofrendo as mais distintas formas de abuso, nas ruas e nas suas casas.

Através de seu projeto de leitura, a professora conseguiu dar voz a seus alunos e eles passaram a perceber que a escola finalmente estava lhes dando voz, que agora eles podiam retratar as suas difíceis realidades sem censura e isso foi determinante para que eles mudassem de ideia em relação a ela.

Em suma: a escola tornou-se atrativa para aqueles jovens “problemáticos” quando eles foram atendidos em seus anseios, que não era estudar gramática e sim expressar a realidade de suas vidas, sem terem seus pensamentos tolhidos.

A experiência promovida pela professora foi o que Gramsci (1941) chamaria de ação contra hegemônica, ou seja, no contexto da educação massifica, voltada para conteúdos hegemônicos e classistas pode-se criar condições de humanização para os filhos da classe trabalhadora.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o filme à luz das teorias de Pierre Bourdieu, Christian Baudelot, Norbert Elias, Michel Foucault e Karl Marx é possível vislumbrar a importância dos diversos pensamentos e concepções pedagógicas na análise da realidade educacional, sobretudo do Brasil, pois nos ajudam a compreender as relações sociais presentes nas nossas escolas. A leitura dos textos citados aqui nos levou a refletir sobre a realidade da educação no Brasil, onde também há uma forte relação entre classe social e acesso ao conhecimento. Os conceitos de violência simbólica e *habitus* social são especialmente relevantes ao considerarmos como as normas culturais e as expectativas sociais moldam a experiência dos alunos e professores. A crítica ao sistema educacional, que aparentemente promove a igualdade, mas na verdade reproduz desigualdades, é um alerta importante para a necessidade de mudanças estruturais. É fundamental que a educação não apenas forneça acesso, mas também promova um ambiente que valorize a diversidade cultural e social, permitindo que todos os alunos possam alcançar seu potencial máximo. A escola não será espaço de transformação social sem enfrentar uma transformação na sua própria estrutura. O filme abordado neste artigo também nos chama a atenção para não romantizar o trabalho docente, porém entendemos que é indispensável compreender as diferentes realidades sociais, econômicas e culturais dos alunos para criar situações que favoreçam uma aprendizagem significativa para os educandos.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. Oeiras: Celta Editora, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BAUDELLOT, C.; ESTABLET, R. **École, la lutte de classe retrouvée**. In: PINTO, L.;
- SAPIRO, G.; CHAMPAGNE, P. (Dir.). **Pierre Bourdieu**: sociologue. Tradução de Mariana Barreto. Paris: Fayard, 2004, p. 187 - 209.

ESCRITORES da Liberdade (Freedom Writers, 2007). Direção e Roteiro de Richard LaGravenese. Distribuidora Paramount Pictures.

FRIGOTTO, G. **Os delírios da razão**: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: APPLE, M. W. - [et al]. GENTILI, P. (Org.). *Pedagogia da exclusão*. 17ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010, p. 20 - 98.

GRAMSCI, A. Caderno 12 (1932). **Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais**. In: . *Cadernos do cárcere* Trad. Carlos Nelson Coutinho. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 13 - 53. LEÃO, Andrea Borges. **Norbert Elias & a Educação**. Belo Horizonte- MG: Autêntica, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. Conceição Jardim et al. Vol. I Lisboa: Editorial Presença, 1980, p.11-102.

PEREIRA, Valmir. **O indivíduo burguês e a crise da escola**. Jundiaí. Paco Editorial: 2013.

TERNES, José. **Foucault e a educação**: em defesa do pensamento. *Educação & Realidade*, jan/jun, 2004, p. 155-168.